

A FAMÍLIA

1. Deixar pai e mãe

Durante a maior parte da minha vida, interpretei bastante liberalmente as palavras de Jesus: «Deixa o teu pai, mãe, irmãos e irmãs por causa do meu nome». Pensava que essas palavras eram um apelo para deixar a própria família, não casar, entrar num mosteiro ou convento, ou então ir para um país longínquo para desenvolver um trabalho missionário. E, embora ainda me sinta encorajado e inspirado pelos que tomam uma tal atitude em nome de Jesus, estou a descobrir, à medida que os anos passam, que por detrás deste «abandono» há um significado mais profundo.

Ultimamente, tomei consciência de quanto a vida sentimental é influenciada pelo nosso relacionamento com os pais, irmãos e irmãs. Com muita frequência, esta influência é tão forte que, mesmo como adultos que deixaram os seus pais há muito tempo, ficamos emocionalmente ligados a eles. Só recentemente, compreendi que ainda queria mudar o meu pai, esperando que ele me desse a atenção que desejava. Também recentemente, cheguei a conclusão de como a vida interior de muitos dos meus amigos é ainda dominada por sentimentos de revolta, ressentimento ou desilusão derivados das suas relações familiares. Mesmo quando já não viam os pais há muito tempo; sim, mesmo quando os seus pais já tinham morrido, eles ainda não tinham deixado verdadeiramente a sua casa.

Tudo isto é muito real para os que se vão dando conta de que foram vítimas de abusos em criança. Esta descoberta pode trazer de volta a mente e ao coração, de repente, a situação familiar numa maneira extremamente penosa.

Neste contexto, o apelo de Jesus a deixar pai e mãe, irmãos e irmãs reveste-se dum significado todo novo. Seremos capazes e estaremos na disposição de nos desligar dos repressivos laços emocionais que nos impedem de seguir a nossa mais profunda vocação? Esta é uma questão com profundas implicações para o nosso ser emocional e espiritual.

2. Livres para seguir Jesus

Deixar pai, mãe, irmãos e irmãs pela causa de Jesus é uma tarefa que dura toda a vida. Só gradualmente vamos compreendendo como nos apegamos a experiências negativas e positivas da nossa juventude e como é difícil deixar tudo para trás para sermos totalmente independentes. Deixar a «casa», quer tenhamos vivido nela uma experiência boa quer má, é um dos maiores desafios da nossa vida.

Pessoalmente, já tinha deixado a minha família e o meu país há mais de vinte anos quando tomei perfeita consciência de que ainda procurava corresponder às expectativas do meu pai e da minha mãe. E, de facto, fiquei chocado quando descobri que muitos dos meus hábitos de trabalho, decisões profissionais e opções de vida eram ainda profundamente motivados pelo meu desejo de agradar a família. Queria ainda ser o filho ou o irmão de que eles se podiam orgulhar. Quando reparei nisto em mim mesmo, comecei também a nota-lo na vida de muitos dos meus amigos. Alguns deles, apesar de já terem filhos crescidos, sofriam ainda pela rejeição que sentiam por parte dos seus pais. Outros, que construíram impressionantes carreiras e ganharam muitos prémios, tinham ainda fortes esperanças de que, um dia, o seu pai ou a sua mãe haveriam de reconhecer os seus dons. Outros ainda, apesar de terem tido muitas desilusões no seu relacionamento pessoal ou profissional, continuavam a deitar as culpas aos pais pelos seus infortúnios.

Quanto mais vamos caminhando nos anos, mais facilmente conseguimos ver as profundas raízes que nos ligam àqueles que foram os nossos principais guias durante os anos de formação da nossa vida.

Jesus quer libertar-nos, quer ver-nos livres de tudo o que nos impede de seguir totalmente a nossa vocação, e também livres de todos aqueles que nos impedem de ter um conhecimento perfeito do amor incondicional de Deus. Para chegar a esta liberdade, temos que continuar a deixar pais, mães, irmãos e irmãs e ter a coragem de O seguir a Ele... mesmo para onde não gostaríamos de ir.

3. Perdão e gratidão

Duas das mais importantes maneiras de deixar pai, mãe, irmãos e irmãs, são o perdão e a gratidão. Seremos capazes de perdoar à nossa família por não nos terem amado tão bem como desejaríamos? Seremos capazes de perdoar aos nossos pais por terem sido exigentes, autoritários, indiferentes, pouco afectuosos, ausentes ou simplesmente mais interessados em outras pessoas ou coisas do que em nós? Seremos capazes de perdoar as nossas mães por terem sido possessivas, escrupulosas, controladoras, preocupadas, dependentes da comida, do álcool ou das drogas, completamente ocupadas ou simplesmente mais preocupadas com a sua carreira do que connosco? Seremos capazes de perdoar aos nossos irmãos e irmãs por não terem brincado connosco, por não terem partilhado connosco os seus amigos, por terem falado connosco de cima ou por nos terem feito sentir estúpidos ou inúteis?

Há muito que perdoar, não só por a nossa família não ter sido carinhosa como outras famílias, mas também porque todo o amor que recebemos foi imperfeito e muito limitado. Os nossos pais são também filhos de pais que os não amaram de modo perfeito e até os nossos avós tiveram pais que não eram os pais ideais!

Há muito que perdoar. Mas, se formos capazes de ver os próprios pais, avós e bisavós como pessoas como nós próprios, com um desejo de amar, mas também muitas expectativas por satisfazer, então talvez sejamos capazes de ultrapassar a nossa revolta, os nossos ressentimentos ou mesmo o nosso ódio, e descobrir que o seu amor limitado é, apesar de tudo, um amor real, um amor pelo qual devemos estar agradecidos.

Se formos capazes de perdoar, podemos ser agradecidos pelo que recebemos. E recebemos tanto! Podemos andar, falar, sorrir, correr dum lado para o outro, rir, chorar, comer, beber, dançar, brincar, trabalhar, cantar, dar vida, dar alegria, dar esperança, dar amor. Estamos vivos! Os nossos pais e mães deram-nos a vida e os nossos irmãos e irmãs ajudaram-nos a vivê-la. Se não nos deixarmos cegar pelas fraquezas deles, poderemos ver claramente quanto não temos que agradecer!

4. Muitos pais e mães

Na peça teatral da Broadway *Conversations with My Father* (Conversas com o meu pai), um autor famoso vive a sua vida na esperança de que, um dia, o seu pai, gerente dum pequeno bar na cidade de Nova Iorque, leia o seu trabalho e lhe dê os parabéns por isso. Mas não acontece nada. Em vez disso, o pai diz ao filho: «Eu sou só um Eduardo qualquer e não leio livros; deixa-me continuar a ser Eduardo». O filho, a páginas tantas, acaba por compreender que é ele próprio que tem que mudar e amar o seu pai como é. Assim podem tornar-se irmãos.

Uma das coisas mais belas que pode acontecer na vida humana é que os pais se tornem irmão e irmã em relação aos seus Filhos, que os filhos se tornem pais e mães, em relação aos pais, que irmãos e irmãs se tornem amigos e que a paternidade, maternidade e fraternidade sejam profundamente partilhados por todos os membros da família em diferentes momentos e em diferentes ocasiões.

Mas isto não pode acontecer sem «abandono». Só na medida em que tivermos cortado os laços que nos mantêm cativos dum amor imperfeito podemos ser livres para amar aqueles que deixámos como pai, mãe, irmão, irmã e receber o amor deles da mesma maneira. Isto é o que Jesus tem em mente quando diz: «Em verdade vos digo: quem tiver deixado a casa, irmãos,

irmãs, mãe, pai, os filhos ou os campos por minha causa e por causa do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, em casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, juntamente com perseguições, e, no tempo futuro, a vida eterna» (Mc 10, 29-30).

O grande mistério do deixar pai e mãe consiste, de facto, em que o seu amor limitado se multiplicara e se manifestara onde quer que vamos, porque só na medida em que partirmos e que o amor a que nos apegámos revela a sua verdadeira fonte.

5. Ser perdoado

Muitos de nós não só têm pais como dão também pais. Esta verdade simples tem muito que se lhe diga, porque não é improvável que os nossos próprios filhos passem muito tempo a falar de nós com os seus amigos, conselheiros, psicólogos e sacerdotes! E nós esforçamo-nos tanto para não cometer os mesmos erros que os nossos pais cometeram! Mesmo assim, é muito possível que, se calhar, sendo nós mais tolerantes que os nossos pais e mães, os nossos filhos venham a acusar-nos de não termos sido suficientemente exigentes com eles! E não é de excluir que, tendo nós procurado que os nossos filhos fossem livres de escolher o seu próprio modo de vida, religião ou carreira, eles venham a falar de nós como pessoas fracas de carácter, que não têm a coragem de dar diretivas concretas!

A tragédia da nossa vida é que, enquanto sofremos pelas feridas que nos foram infligidas por aqueles que nos amam, não podemos também deixar de ferir aqueles que queremos amar. Esforçamo-nos tanto por amar bem, cuidar bem, compreender bem e, no entanto, antes mesmo de ficarmos velhos, haverá alguém que nos diz: «Tu não estavas lá quando eu mais precisava de ti; tu não te preocupaste com o que eu estava a fazer ou pensar; tu nunca me compreendeste nem tentaste compreender-me». Quando ouvimos estas observações ou as críticas daqueles que amamos, chegamos a penosa conclusão de que, assim como nós tivemos que deixar o nosso pai, a nossa mãe, os nossos irmãos, assim também eles têm que nos deixar a nós para poderem encontrar o seu próprio espaço de liberdade. Custa muito ver aqueles por quem demos toda a nossa vida deixar-nos, com frequência por caminhos que nos enchem de medo.

E nesta altura que somos chamados a acreditar profundamente na verdade de que toda a paternidade e maternidade vêm de Deus. Só Deus é o pai e a mãe que nos podem amar como precisamos e queremos ser amados. Esta certeza, à qual é preciso agarrar-se com força, pode libertar-nos, não só para perdoar aos nossos pais, mas também para permitir aos nossos filhos que nos perdoem a nós.

6. Os filhos são um dom

Ser pai e como ser um bom anfitrião com uma pessoa estranha! Enquanto talvez julguemos que os nossos filhos são como nós, somos continuamente surpreendidos por serem tão diferentes. Tanto podemos estar orgulhosos da sua inteligência, dos seus dons artísticos ou dos seus feitos atléticos como ficar tristes com o seu atraso na aprendizagem, com a sua falta de coordenação ou com os seus interesses estranhos. Em muitos aspetos, nós não conhecemos os nossos filhos.

Não somos criadores dos nossos próprios filhos nem somos os seus proprietários. Esta é uma boa notícia, porque não precisamos de estar sempre a culpar-nos por todos os seus problemas, mas não devemos também atribuir a nós próprios os seus sucessos.

Os filhos são um dom de Deus. São-nos dados para lhes podermos oferecer um lugar seguro e acolhedor para crescerem rumo à liberdade interior e exterior. São como estrangeiros que pedem hospitalidade; tornam-se bons amigos e depois partem de novo para continuar a sua jornada. Trazem-nos uma imensa alegria e, ao mesmo tempo, imensa tristeza, precisamente porque são um dom. É um dom precioso, como diz um provérbio, e «dado duas vezes». O dom que recebemos temos que dá-lo novamente. Quando o nosso Filho nos deixa para ir estudar, para ir à procura de trabalho, para casar, para se juntar a uma comunidade ou simplesmente para se tornar independente, a tristeza e a alegria tocam-se. Porque é então que sentimos profundamente que o «nosso» filho não é realmente «nosso», mas não nos pertence, nos foi dado para se tornar um verdadeiro dom para outros.

É difícil conceder aos nossos filhos a sua liberdade, especialmente neste mundo violento e explorador. Gostaríamos muito de os proteger de todos os possíveis perigos, mas não podemos. Não nos pertencem. Pertencem a Deus; e um dos maiores actos de confiança em Deus é deixar que eles façam as próprias escolhas e descubram o seu próprio caminho.

7. As penas de amor

A nossa maior pena provém, frequentemente, da nossa incapacidade para ajudar os outros, especialmente os que amamos muito. Um amigo meu esperava ardentemente poder mandar o seu filho para a universidade depois dos exames do curso secundário. Ajudou-o a percorrer várias universidades e estava ansioso por saber qual era a sua escolha.

Mas, enquanto esperava pelos resultados do exame, um dia, o filho apareceu-lhe em casa com uma moça punk, num velho descapotável,

dizendo-lhe que ia viajar para Oeste com a sua rapariga, dormindo ao relento e procurando algum trabalho sempre que estivessem com falta de dinheiro.

O que o meu amigo foi capaz de imaginar foram drogas, sexo e loucuras; e começou a temer pela vida do seu filho. E com razão. Mas todos os seus pedidos e conselhos não fizeram senão fortalecer ainda mais a decisão do filho de fugir do seu ambiente «burguês» e de explorar o «mundo real».

Era uma situação extremamente assustadora. E os receios do meu amigo não eram imaginários. Todavia, a questão fundamental não era: «como ajudar este jovem descabeçado?», mas «como evitar que o pai seja destruído pelo filho?». Então eu disse-lhe: «Aconteça o que acontecer ao teu filho, não podes permitir que ele te tire o sono, o apetite e a alegria. Tens que aproveitar as tuas qualidades e dons como homem e, ainda mais do que antes, levar uma vida totalmente tua». Não me foi fácil dizer estas coisas, porque também eu partilhava das preocupações do meu amigo. Mas, por mais penosa que fosse a saída de casa do seu filho, tinha que o deixar partir, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente. Assim, se um dia o filho voltasse, encontraria em casa um pai com saúde.

8. Mentres preocupadas

As pessoas dizem com frequência: «Não se preocupe, as coisas hão-de compor-se». Mas continuamos a preocupar-nos e não podemos deixar de nos preocupar só porque alguém nos diz para o não fazermos. Uma das coisas mais difíceis na vida é a preocupação que temos com os nossos filhos, com os nossos amigos, o nosso cônjuge, o nosso emprego, o nosso futuro, a nossa família, o nosso país, o nosso mundo e com muitas outras coisas. Sabemos qual é a resposta a pergunta de Jesus: «Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado a duração da sua vida?» (Mt 6, 27). Sabemos que o facto de nos preocuparmos não nos ajuda nada nem resolve nenhum dos nossos problemas. E, no entanto, continuamos a preocupar-nos muito e, por isso mesmo, a sofrer imenso. Gostaríamos de deixar de nos preocupar, mas não sabemos como. Mesmo compreendendo que, amanhã, talvez nos tenhamos esquecido de quais eram as nossas preocupações de hoje, mesmo assim achamos impossível fazer com que a nossa mente não viva em ansiedade.

A minha mãe, que era uma mulher muito carinhosa e uma pessoa de oração, preocupou-se muito, especialmente comigo e com o meu irmão e a minha irmã. Quando passava algum tempo em casa, ela nunca era capaz de se ir deitar antes de estar segura de que eu tinha voltado a casa sem problemas. Mas isso acontecia, não só quando eu era jovem e gostava de andar por fora com os meus amigos até altas horas, mas também depois de eu ter viajado

para muito longe de avião, comboio e autocarro e de me ter visto em situações bastante perigosas. Sempre que voltava a casa, tivesse eu dezoito ou quarenta anos, a minha mãe ficava acordada e preocupada com o seu filho até estar segura de que ele estivesse na cama sem qualquer problema.

A maior parte de nós não é muito diferente. Portanto, a verdadeira questão é a seguinte: podemos fazer algo para nos preocuparmos menos e para estar mais tranquilos? Se é verdade que não podemos mudar seja o que for por nos preocuparmos com isso, como e que podemos então treinar o coração e a mente no sentido de não perder tempo e energia com rumações de ansiedade que nos fazem andar as voltas no íntimo de nós mesmos? Jesus diz: «Procurai, antes de mais, o reino de Deus». Isto pode dar-nos uma indicação no sentido correto.

HENRY J. M. NOUWEN, *Aqui e agora, Vida no Espírito, Paulinas, 2006, 4ª ed., cap. VIII, Família, pp. 119-130*